

Os múltiplos fluxos da imagem: o streaming e o audiovisual no cotidiano do século XXI

The multiple flows of the image: streaming and audiovisual in the daily life of the 21st century

Los múltiples flujos de la imagen: streaming y audiovisual en la cotidianidad del siglo XXI

Cristiane FREITAS¹
Felipe KOCH²
Renata REZENDE³

Neste início de século XXI, de proliferação de imagens em telas difusas, como compreender a experiência que se produz e se partilha no cotidiano?

Em um cenário em que a construção do dia a dia, do comum, atravessa as ambiências midiáticas, as operacionalidades de produção das imagens, cada vez mais em fluxos, contribuem para transformações não apenas das formas de realização audiovisual, mas de sua circularidade e recepção. Na contemporaneidade das plataformas de *streaming*, a oferta de diferentes imagens, em filmes, séries, documentários ou inúmeras produções audiovisuais estão disponíveis 24 horas e compatíveis com praticamente qualquer tela conectada à internet. Essa experiência em diferentes telas e formatos provoca uma sensibilidade em fluxo que permite “maratonar” os formatos fragmentados e fruir o fluxo do que sobrevive na materialidade cinematográfica. Ao mesmo tempo, observa-se que a narrativa imagética, hoje, não se volta apenas para borrar as fronteiras ficcionais, mas funciona como desdobramento de diferentes pontos de vista e um lugar de resistência e revelação da história.

¹ Professora do Curso de Produção Audiovisual e do Programa de Comunicação Social/ PUCRS – E-mail: cristianefreitas@pucrs.br – ORCID: /0000-0001-7333-3146.

² Professor de Estudos Brasileiros e Inovação Social/UPEC (França) E-mail: felipe.koch-da-silveira@upec.fr - ORCID: 0000-0001-8391-2969.

³ Professora do Curso de Comunicação Social e do PPG Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail:renatarezende@id.uff.br - ORCID: /0000-0002-3380-1600.



As imagens tocam o real. “O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos toca”, afirma Didi-Huberman (2005, p. 29), e na perspectiva da vida cotidiana midiaticizada, a lógica do *streaming* e a demanda por imagens em fluxo tensionam diferentes dinâmicas, seja em relação aos antigos formatos e/ou modelos, seja em relação ao mercado audiovisual e às expectativas/demandas dos usuários. Nesse cenário, emergem novos desafios e oportunidades, como a necessidade de adaptação dos criadores de conteúdo e a busca por inovação e diferenciação em um mercado cada vez mais competitivo e globalizado. Dessa forma, as narrativas seriais buscam diferentes alternativas que revisitam a história, espetacularizam crimes bárbaros e lidam com as temáticas geradas pelos algoritmos.

O dossiê desta edição da Revista Mídia e Cotidiano é composto por oito artigos que discutem e exploram as diversas facetas das plataformas de *streaming*, entre elas, a *Netflix* e o *YouTube*, adentrando nas dinâmicas de poder, de produção e consumo de conteúdo audiovisual e seu impacto nos hábitos culturais e sociais dos indivíduos. Em suma, esse dossiê propõe uma reflexão sobre a produção imagética no contemporâneo por meio de distintas teorias e objetos de análise. Os artigos selecionados abordam temas como algoritmos, colonialidade, produção local e global, e as transformações no campo do audiovisual. Ao analisar como essas plataformas estão redefinindo nossa relação com as imagens e narrativas no século XXI, o objetivo é proporcionar uma reflexão profunda e atual sobre o papel do *streaming* na comunicação social.

No texto que abre esta edição “*Quem está assistindo?*” *Um experimento com o algoritmo da Netflix e os resultados gráficos a partir de temáticas de gêneros de animes*, Eduardo Campos Pellanda, Taís de Barros e Julia Brito questionam a forma como o algoritmo da plataforma de streaming Netflix atua diante da simulação de perfis de consumidores de animes de diferentes temáticas. Por meio de uma investigação exploratória, os autores realizam um experimento, utilizando a técnica de engenharia reversa, método que consistiu na criação de dois perfis de usuários na plataforma Netflix, para compreender como o algoritmo estabeleceu a curadoria de conteúdo para cada um desses usuários.

Na sequência, o artigo *Sistemas de recomendación en plataformas de streaming audiovisual*, de Mariano Zelcer, também discute a lógica dos algoritmos, mas realiza a abordagem a partir de uma interpretação semiótica. O autor desenvolve uma reflexão sobre os sistemas de recomendação das principais plataformas contemporâneas, como o YouTube, Netflix e Spotify, em tensionamento com o



consumo e atuação do próprio usuário. Zelcer relaciona os diferentes tipos de algoritmos e conceitos como *machine learning*, *deep learning* e *deep collaborative filtering*, com a teoria de Peirce, focando nos processos de indução, dedução e, principalmente, abdução. O artigo destaca como o funcionamento desses algoritmos desafia a noção comum de que eles oferecem apenas “mais do mesmo” nas indicações de conteúdo. Ele demonstra que a inferência abdutiva dessas tecnologias possibilita a geração de recomendações para os usuários que fogem desta lógica. Assim, o estudo propõe uma visão mais complexa e multifacetada do papel dos algoritmos nas plataformas de *streaming* e suas implicações para a construção de significados e experiências culturais.

A noção de nostalgia e de juvenilização são discutidas no texto de Ana Carolina Almeida Souza e Emmanuele Dias. Com o título *Nostalgia juvenilizada: modos de produção no streaming e vitalidade em franquias transmídia*, as autoras investigam como os *streamings* de vídeos produzem relações entre nostalgia do consumo e juvenilização a partir das séries *O Mundo Sombrio de Sabrina* (Netflix) e *A Casa da Raven* (Disney). Destaca como essa relação implica na formatação de conteúdo para diferentes mídias por meio do entendimento de juvenilização da sociedade. O artigo analisa, ainda, a efemeridade do consumo nos serviços de *streaming*, principalmente em práticas de *binge-watching*.

No artigo *O crime como espetáculo na narrativa documental: a série Netflix sobre Elize Matsunaga*, Tatiana Helich Lopes e Felipe Gomberg traçam um percurso do papel midiático em narrativas documentais sobre crimes reais. No texto, os autores problematizam a questão da vida espetacularizada a partir da série *Elize Matsunaga: Era uma vez um crime* (Netflix/2021). Na sequência, Evandro José Medeiros Laia, no texto *Notas para uma ecologia das narrativas autônomas em audiovisual streaming: do junho de 2013 à pandemia* realiza uma reflexão a partir de diferentes narrativas audiovisuais produzidas e distribuídas em plataformas digitais para problematizar o conceito de narrativas autônomas. O autor traça um percurso da comunicação em rede e reflete sobre a autocomunicação de massa, a partir do que denomina como a produção de “equivocos”, influenciado pela teoria do Perspectivismo Ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro (2004).

Já Ana Camila Esteves, no texto *O lugar da Netflix no campo do poder: reflexões sobre o impacto da empresa no audiovisual africano a partir da Nigéria*, discute a atuação da empresa norte-americana de serviço online de *streaming*



como significativo agente de poder, com efeito sobre as práticas de produção nos cinemas africanos. A partir do conceito de colonialidade, a autora reflete sobre o lugar da *Netflix* na Nigéria, refletindo sobre os agentes criativos e os limites temáticos, linguísticos e estéticos que operam nos modos de produção e distribuição da empresa nesse país. Utilizando a teoria do campo de poder de Bourdieu e o conceito de colonialidade do poder de Mignolo, a autora investiga a influência da *Netflix* no campo de produção dos cinemas africanos, particularmente na Nigéria. A pesquisa explora a dualidade dessa relação, na qual a plataforma apoia financeiramente os agentes criativos locais, enquanto impõe restrições em termos de temas, linguagem e estética. Esteves destaca o papel ambivalente da *Netflix*, que promove a participação ativa dos criadores africanos e promete ampliar o alcance global do cinema africano. Mas, por outro lado, exerce controle sobre a distribuição, desafiando os paradigmas estabelecidos no setor audiovisual do continente.

No artigo *Categorias de análise para videoclipes no YouTube: entendendo produção e consumo de covers de game music na internet*, Schneider Ferreira Reis Souza apresenta um recorte de pesquisa etnográfica realizada em canais de produtores de conteúdo sobre *game music* na plataforma YouTube. No texto, o autor demonstra como os vídeos desse gênero promovem ambiências nas quais os usuários podem fruir diferentes experiências estéticas em que a cultura dos games é exaltada a partir de elementos comuns.

Fechando o dossiê, o texto *Cinema caboclo manauara: na encruzilhada de imagens e sons produzidos em escolas*, de George Augusto e Renata Ferreira, desenvolve um catálogo audiovisual das produções de curta-metragem realizadas por adolescentes em escolas públicas da cidade de Manaus, entre os anos de 2007 a 2014. Além de identificarem tais produções, o artigo problematiza a potência da aproximação entre cinema e escola, indagando o que as imagens tocam e revelam.

A sessão livre traz um cardápio variado de temas e abordagens que dialogam com os textos do dossiê. O artigo de abertura *Concepção de tempo e espaço em narrativa televisiva complexa* analisa as contribuições e os limites de concepções não convencionais de tempo e espaço nas tramas de duas séries televisivas de sucesso: *Lost* (2004-2010) e *Dark* (2017-2020). Com fundamentação teórica nos estudos sobre complexidade narrativa de Jason Mittell (2012, 2015) e utilizando como metodologia o mapeamento e análise dos recursos narrativos relativos a tempo e espaço nas duas séries, Sílvio Anaz mostra como a concepção espaço-temporal não convencional é



construída e sustenta que sua compreensão e aceitação pelo espectador depende mais da solução no fechamento do que do grau de complexidade.

Em *Os demônios de cada dia: reflexões acerca do Monstro e do Humano em O Exorcista (1973)*, Janaina Wazlawick Mülle e Saraí Patricia Schmidt abordam os entrelaçamentos entre humanidade e monstruosidade, a partir da análise do clássico do terror *O Exorcista (1973)*. Mostram que o monstro precisa do humano para estabelecer sua identidade e o humano necessita do monstro para refletir sobre aspectos de si que fogem à sua compreensão, mas também exercem fascínio. Um dá sentido à existência do outro.

O tratamento da morte, no cotidiano televisivo, é questão central do artigo *Telejornalismo, cultura e mortes do meio político: apontamentos sobre transformações do Jornal Nacional*, de Michele Negrini e Silvana Copetti Dalmaso. As autoras sustentam que as coberturas de mortes são objetos privilegiados para a compreensão de ressignificações de ordem social e cultural do telejornalismo. Com a finalidade de mapear essas mudanças, as autoras realizam uma análise exploratória de reportagens do Jornal Nacional sobre as mortes trágicas de dois políticos de relevo na história brasileira: Tancredo Neves, em 1985, e Eduardo Campos, em 2014. As autoras apontam diferenças e semelhanças entre essas duas coberturas separadas por um intervalo de quase 30 anos.

Na sequência, Wagner da Silveira Bezerra apresenta o artigo *Videogames e interações: intersecções entre a comunicação e a educação, segundo a perspectiva sistêmica e a ecologias das mídias*, no qual se propõe a compreender a produção de sentidos resultantes de interações experienciadas em videogames *on-line* e *off-line*. Tomando o consumo de videogames como fenômeno social relevante, o autor combina revisão bibliográfica e a análise de depoimentos de jovens jogadores, colhidos num grupo focal, para mostrar que, nas mídias, se constituem linguagens que codificam a realidade, organizando-a segundo critérios e ideologias próprios, capazes de transformar e ser transformados por seus/suas usuários/as.

Fechando a Seção Livre, o artigo *#AconteceucomigoHQ: Relatos de Gordofobia e Pressão Estética em Quadrinhos*, de Fabiana Gillet e Luiz Cezar Silva dos Santos, analisa as tiras e comentários da *webcomic* *Aconteceu Comigo*, da quadrinista amazonense Laura Athayde. Trata-se de uma produção postada no Instagram e que foi criada a partir de relatos anônimos de mulheres que retratam as diversas violências cotidianas. No texto, o foco são as *webtiras* que retratam relatos ligados à gordofobia



e todas as pressões que envolvem a aceitação corporal e a autoestima em relação ao corpo. Dividido em quatro seções, o artigo discute outro jeito de fazer e ler quadrinhos para depois abordar as discussões e análises que envolvem a gordofobia, incluindo a oposição entre corpo livre e corpo gordo.

Finalmente, encerrando a edição, Larissa Morais e Victor Rocha apresentam a resenha do mais novo livro de Fabiana de Moraes, *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. A autora mostra que, ao longo da história do jornalismo, a profissão naturalizou e ainda naturaliza abordagens que reforçam diversos tipos de preconceitos. Fabiana também apresenta (e reflete sobre) reportagens próprias nas quais fez da escolha das pautas, associada ao uso da subjetividade, uma arma potente para transformar a prática jornalística.

Que seja uma boa leitura!

Cristiane Freitas, Felipe Koch e Renata Rezende (Ed. Seção Temática)
Adriana Barsotti, Denise Tavares, Larissa Morais (Ed. da Seção Livre)

Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo, Editora 34, 2005, p.29.

MARION, Philippe. « Narratologie médiatique et médiagenie des récits », *Recherches en communication*, 1997, vol. 7, p. 61-87.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.